

*DOSSIÊ***O QUE APRENDI COM LÍVIA****Paula da Cruz Landim<sup>5</sup>**

Quando fui convidada pelo Prof. Ivan Fortunato para escrever sobre o papel e a relevância da Livia na minha formação acadêmica e na minha vida na Universidade, inicialmente respondi que agradecia o convite, mas que a vida dá voltas, e que atualmente tinha me distanciado das linhas de pesquisa da Livia, e que, portanto a minha participação não ofereceria nenhuma contribuição para a área.

Grata surpresa minha saber que poderia ser apenas um depoimento da minha relação com ela, sem necessariamente ser um texto acadêmico. Mas, talvez muito mais difícil.

Primeiro, por que Livia e não Professora Livia? Inicialmente porque ela mesma dizia que se a chamássemos de professora ela nos chamaria de aluno, e depois, a Livia faz parte da minha vida desde antes do meu nascimento, ou assim contam as histórias... Meus pais foram professores da UNESP antes mesmo desta existir, assim como a Livia. Dizem que foi a Livia quem deu o meu primeiro banho, fato, aliás, que ela lembrou publicamente em um evento em Bauru anos depois. Ela também me contou que desde uma vez em que chorei porque meus pais me levaram à sua casa dizendo que era seu aniversário e não teve bolo, e, portanto na minha cabeça infantil não foi aniversário, ela passou a providenciar um bolo na data. Lembro-me também das minhas inseguranças, ao estar cursando o mestrado fora da minha área de formação, e dela me dizer que não admitiria “frescuras” da minha parte, afinal eu era filha da minha mãe. Minha mãe esta que por sua vez me fez sentir perante a minha professora do jardim da infância, quando a Livia foi devolver o boneco do livro

---

<sup>5</sup> Professora doutora da FAAC/UNESP, paula@faac.unesp.br. Realizou mestrado em Geografia com a Livia entre março/1990 e março/1994.

no qual se transformou a minha tese de doutorado e para o qual ela escreveu o prefácio (um texto lindo, poético, sem deixar de ser científico, que fui reler ao começar a organizar como escreveria este depoimento) e minha mãe perguntou: “você acha que ficou bom mesmo Livia?”.

O foco central dos meus trabalhos no mestrado e no doutorado foram as questões urbanas, notadamente aquelas relacionadas ao Desenho Urbano das cidades de porte médio, surgidas na segunda metade do século XIX, em função do binômio café/ferrovia, e analisadas através da abordagem perceptiva (Não vou fazer aqui um relato bibliográfico das minhas publicações, acredito não ser o foco deste texto, e sim historiar uma relação).

Na dissertação de mestrado<sup>6</sup>, sob a orientação da Livia, junto ao Programa de Pós-Graduação em Geografia do IGCE – UNESP, Rio Claro, realizei uma pesquisa junto aos usuários da área central de Bauru, verificando quais as edificações deveriam ser preservadas, partindo do pressuposto que todo espaço edificado é identificado por determinadas características que compõem sua particularidade, transformando-o num LUGAR<sup>7</sup> para aquela comunidade que o habita.

A intenção dessa pesquisa foi mostrar que as construções, representativas do Patrimônio Ambiental Urbano de Bauru, percebidas pelos cidadãos em seus percursos cotidianos no centro da cidade, constituem os referenciais, os elos de ligação afetiva entre os habitantes e a cidade de Bauru, e como tais deveriam ser preservados. E assim sendo, qualquer projeto de preservação desse patrimônio edificado, além de considerar os valores próprios de cada construção, ligados às suas características formais, estéticas, documentais e arquitetônicas, para ser bem-sucedido, deveria considerar também a percepção do usuário em relação a estas construções.

---

<sup>6</sup> LANDIM, P. C. **Percepção e Conservação do Patrimônio Ambiental Urbano: a cidade de Bauru.** Rio Claro, IGCE – UNESP, 1994.

<sup>7</sup> Definição de LUGAR de Yi Fu Tuan, em Espaço e Lugar, traduzido pela Livia e publicado pela Editora Difel em 1983.

Já a tese de doutorado<sup>8</sup>, realizado na FAU-USP, focalizou a homogeneidade da paisagem urbana das cidades de porte médio do interior do Estado de São Paulo, do ponto de vista de seus determinantes. A hipótese foi que a origem socioeconômica das cidades determina sua configuração, a qual, esgotado o estímulo inicial, passa a incorporar as imagens formais das grandes cidades, que estão claramente representadas de um modo específico na paisagem urbana das cidades médias, evidenciando os reflexos formais e funcionais das paisagens dos grandes centros sobre a paisagem das cidades do interior, e na geração de valores relacionados a esses aspectos. A legislação, que define os padrões de ocupação urbana, os quais por sua vez definem a configuração física da paisagem, trabalha basicamente o espaço físico-territorial, alienando-se dos demais componentes da problemática urbana, e desta forma, as cidades homogeneízam-se. Ou seja, gera-se um discurso urbanístico pobre e o que se faz é generalista, colaborando para a pasteurização.

A abordagem perceptiva no desenho das cidades permite buscar um resgate das qualidades visuais que poderiam despertar enfoques cognitivos no tocante a organização do espaço urbano, se interessando pelo modo como os indivíduos percebem e tomam decisões a respeito da cidade. Tal enfoque procura redirecionar os processos que dão origem ao padrão urbano. Ou seja, é esta estrutura cognitiva da cidade que oferece novos padrões e influencia a interação com os espaços urbanos e as tomadas de decisão no tocante a áreas para compras, moradias ou lazer, e não a estrutura física da cidade, composta por edifícios, ruas e avenidas.

Desde a época da minha graduação em Arquitetura pela FAU-USP me interessava pela cidade, sua história, sua formação, e a conseqüente valorização disto. Entretanto, a forma tradicional de se abordar a preservação do patrimônio arquitetônico, muitas vezes ineficiente, sempre me incomodou. Além do mais, me interessava a cidade banal, cotidiana, não a monumental.

---

<sup>8</sup> LANDIM, P. C. **Desenho de Paisagem Urbana**: as cidades do interior paulista. São Paulo, FAU-USP, 2001.

Quando casualmente, desencantada como estas questões eram então tratadas na FAU, recém-contratada na UNESP em Bauru, precisando fazer o mestrado, surgiu a possibilidade de fazer em Rio Claro com a Lívia. E foi onde e com quem encontrei o viés metodológico que utilizo até hoje: a percepção cognitiva, independente da área de atuação.

Ministrando aulas na graduação primordialmente no curso de Design, e depois do doutorado ingressando eu mesma como docente no programa de Pós-Graduação em Design da FAAC – UNESP, Bauru, minha produção acadêmica voltou-se para esta área, assim como a Livre-docência, mas sem perder de vista a abordagem perceptiva.

A abordagem perceptiva diz respeito basicamente a relação entre o Homem e seu meio-ambiente, e assim, é principalmente qualitativa, e pode ser entendida como uma forma de análise da produção cultural humana, independentemente da forma desta produção. Os procedimentos dizem respeito ao perguntar, ao ouvir e ao observar. Estes procedimentos estão relacionados a uma postura abrangente diante do objeto, seja qual for, procurando integrar as diferentes dimensões destas experiências na dinâmica homem-meio ambiente e das suas percepções ambientais. A percepção se interessa pelo modo como as pessoas tomam decisões, e os estudos dos processos cognitivos que são manifestados na ação do design são algumas das áreas-chave na recente pesquisa em design. Este tipo de abordagem tem desafiado a existência de uma realidade.

Na sociedade atual, convivemos cada vez mais com a informação que, transmitida por vários meios, geralmente está ligada a um crescente emprego de imagens. A composição destas imagens utiliza-se de conceitos e técnicas que permitem a leitura e o entendimento da mensagem visual, cujo conhecimento provém de áreas ligadas ao design e à psicologia da percepção. Com todo seu desenvolvimento direcionado para a tecnologia, a informação é, ainda, dependente da percepção do ser humano, do sistema de leitura visual que é inerente a ele – do qual os elementos básicos da comunicação visual e os

princípios que os conduzem são responsáveis pela decodificação das mensagens não-verbais.

Os designers desempenham claramente um papel-chave na determinação da natureza dos produtos manufaturados, e há poucas dúvidas de que eles influenciem excepcionalmente as expectativas e hábitos de compra dos consumidores. Há conseqüentemente um crescente imperativo moral para que eles tracem uma nova e melhor orientação para o design, nomeadamente uma que se concentre no desenvolvimento de soluções de necessidade real, humanas e sustentáveis.

Ao optar pelos materiais e tecnologias avançadas, e empenhando-se ao mesmo tempo em proporcionar soluções de design simplificadas com uma ligação emocional mais fácil com o consumidor, os designers devem conseguir criar os tipos de produtos éticos e relevantes que irão ser necessários no futuro.

O conceito de design emocional tem como objetivo primordial demonstrar que é possível estabelecer uma relação com o consumidor ou usuário, bem como analisar e decidir quais os sentidos que deverão ser despertados para que tal aconteça. O design emocional pretende associar a estética à funcionalidade e assim conceber um produto que apele às emoções subjetivas do consumidor, despertando uma ação.

Quando associamos determinadas situações ou objetos a sensações agradáveis ou desagradáveis, essas sensações ficam registradas, sendo acessada pela mente toda vez que nos encontramos numa situação de escolha. Nossas escolhas, portanto, seriam influenciadas por experiências anteriores, emoções já vividas.

Em uma atividade voltada aos desejos e expectativas dos consumidores é importante que o designer esteja ciente das aspirações e respostas emocionais daqueles. Daí a relevância da abordagem emocional no design de produtos, onde usabilidade, funcionalidade, prazer e emoção são igualmente importantes na metodologia de projeto.

Os aspectos psicológicos do design são também extensamente mencionados com uma importância sem precedentes. Há um consenso

generalizado de que os produtos devem estar para além das considerações de forma e função se pretendem tornar-se “objetos de desejo” num mercado cada vez mais competitivo. Para se conseguir isto, os produtos precisam estabelecer ligações emocionais agradáveis com os seus usuários através do prazer da manipulação e/ou da beleza da sua forma. A emotividade é considerada por muitos dos designers não só uma forma poderosa e essencial de facilitar ligações melhores e mais significativas entre os produtos e os seus usuários, como também um meio eficaz de diferenciar as suas soluções das dos seus competidores. Vivemos num mundo de signos e simbologias, e esta realidade é também um dos pilares de sustentação do design. Numa sociedade globalizada, adquire-se não apenas o objeto, mas o discurso do objeto.

Mas também há uma pressão em relação à exigência de ligar o consumidor de modo mais significativo a produtos cada vez mais complexos tecnologicamente. Para este fim, parece que uma abordagem do design mais considerada e centrada no homem poderia proporcionar os melhores meios para satisfazer as necessidades funcionais e psicológicas.

Desta forma, atualmente procuro avaliar o papel do design diante do público contemporâneo, como atrativo para valorizar a imagem do produto, agregando valor, conhecendo os impactos subjetivos que o seu planejamento visual pode proporcionar ao público, e quais os principais elementos visuais nela identificados no processo de percepção visual, entendendo que o design tem um papel decisivo, assegurando que as formas nas quais a tecnologia busca usuários estão visualmente e simbolicamente adequados e usáveis. Se sem dúvida a tecnologia é quem dá o tom, os designers seguem-na, criando caixas atrativas para os complexos eletrônicos que vão dentro delas.

Relendo o que escrevi, acho que na verdade a professora e a pesquisadora que sou é um reflexo de três pessoas: meus pais, obviamente, e academicamente, a Lívia. Hoje coordeno um Grupo de Pesquisa, oriento alunos desde iniciação científica até doutorado, e tudo que passo para eles, remete aos ensinamentos dela. Seja de uma forma mais objetiva, enquanto abordagem metodológica seja em conselhos que repasso a eles.